

2022



CONTRIBUIÇÕES DA PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES NÃO OBRIGATÓRIAS PARA A ADAPTAÇÃO DE INGRESSANTES MEDALHISTAS DE OLÍMPIADAS CIENTÍFICAS NO ENSINO SUPERIOR

Camila Alves Fior, Universidade Estadual de Campinas, cafior@unicamp.br

Resumo.

A participação dos universitários em atividades extracurriculares ou não obrigatórias é associada a uma maior adaptação ao ensino superior e satisfação com o curso escolhido, além de contribuir para o desenvolvimento integral dos mesmos. Soma-se que a ampliação no acesso ao ensino superior tem ocorrido também por diferenciação nas formas de ingresso para esse nível de ensino e em algumas instituições públicas brasileiras destaca-se a reserva vagas para estudantes que foram medalhistas em Olimpíadas do conhecimento, considerados universitários com altas habilidades acadêmicas. Tais estudantes, apesar de desempenho de destaque em áreas específicas, podem ter dificuldades na adaptação ao ensino superior e na permanência no curso escolhido. Há várias décadas, instituições estrangeiras têm direcionado a atenção para a implementação de programas específicos para universitários com altas habilidades, incluindo a participação em atividades extracurriculares a fim de contribuir para a permanência dos mesmos no ensino superior. No Brasil, apesar de tal forma de acesso ser bastante recente, acrescenta-se que diante da pandemia de Covid-19 e a fim de minimizar os impactos sanitários da contaminação pelo vírus SARS-COV-19, as instituições de ensino superior suspenderam as atividades presenciais, houve a migração para o ensino remoto emergencial (ERE) e a participação nas atividades não obrigatórias também sofreu ajustes, com a migração do contexto presencial para o on-line. Diante disso, o objetivo do presente estudo é descrever a participação de ingressantes que acessaram o ensino superior por meio de editais específicos para medalhistas em Olimpíadas científicas em atividades não obrigatórias, bem como analisar a percepção dos mesmos sobre o papel de tais experiências na adaptação ao ensino superior. Participaram deste estudo 11 universitários matriculados em uma universidade pública brasileira, sendo 73% do sexo masculino e 91% estavam matriculados em cursos da área de Ciências Exatas. A coleta de dados ocorreu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas individuais, por plataforma de videoconferências e para o tratamento dos dados utilizou-se a análise de conteúdo temática. Os resultados evidenciaram que dos entrevistados, 73% dos estudantes participaram em atividades não obrigatórias no decorrer do primeiro ano no ensino superior das quais se destacaram: as atividades de iniciação científica, empresa-júnior, projetos específicos dos cursos vinculados a competições entre universidades, associações atléticas e coletivo feministas. Dentre as contribuições das atividades não obrigatórias para a adaptação ao ensino superior destacam-se: estreitamento no contato com docentes o que favoreceu, inclusive, o suporte para o enfrentamento dos desafios nas disciplinas cursadas; a oportunidade de construir vínculos com colegas do curso, auxiliando na reconstrução da rede de relacionamentos; ampliação na visão de mundo, a partir das temáticas discutidas e pelo

2022



empoderamento diante de situações de discriminação de gênero vividas no ensino superior; além da motivação para permanecer no curso, pela possibilidade de aprofundamento em áreas de conhecimento específica, expectativa expressa pelos estudantes medalhistas em Olimpíadas Científicas. Dos resultados destaca-se que mesmo com o ERE, houve a possibilidade de realização das atividades não obrigatórias, as quais foram ajustadas ao contexto on-line, sendo que tais experiências auxiliaram os estudantes na transição para o ensino superior. Dentre as implicações práticas deste estudo está na construção de propostas pedagógicas que oportunizem aos estudantes a participação em atividades não obrigatórias ou extracurriculares e que viabilizem a presença dos mesmos nestas experiências, por meio da revisão da carga didática obrigatória e do suporte para a realização das mesmas, tais como: espaço físico, recursos materiais e bolsas, além da presença de docentes na orientação das atividades.

Palabras Claves: Atividades Extracurriculares, Adaptação, Permanência, Formação Universitária.

1. Introdução.

Os objetivos do ensino superior não são simples, nem únicos, mas envolvem um conjunto amplo de metas que, para além da formação profissional, almejam o desenvolvimento integral dos estudantes (Fior & Mercuri, 2009). As instituições de ensino superior brasileiras, pautadas em uma concepção abrangente da formação superior e amparadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 buscam superar uma proposta pedagógica centralizada em currículos mínimos e valorizam a construção de projetos pedagógicos diferenciados e inovadores, que priorizem a flexibilização curricular (Veiga, 2000). Faz-se a proposição de um currículo que não está restrito às disciplinas básicas e específicas, rigidamente definidas, mas que valoriza um conjunto amplo de experiências das quais os universitários poderão escolher para compor a sua trajetória acadêmica.

Assim, além das atividades obrigatórias constituída pelo conjunto de experiências pré-definidas pela instituição como indispensáveis para a conclusão do curso, observa-se que os currículos também são compostos por experiências extramuros, extracurriculares ou não obrigatórias, que estão sob responsabilidade da instituição e que os estudantes têm liberdade na escolha sobre qual experiência participar (Fior & Mercuri, 2009). Dentre essas destacam-se participação em projetos de iniciação científica, monitorias, empresas-júnior, atividades de representação estudantil, entre outras.

Parece ser um consenso na literatura o impacto das atividades não obrigatórias para o desenvolvimento integral do estudante, com destaque para as áreas cognitivas, sociais e afetivas, incluindo ampliações em conhecimentos específicos, mudanças em atitudes, respeito à diversidade, melhora na qualidade de vida e na promoção da saúde, entre outros aspectos (Mayhew et al., 2016). Astin (1993) já descrevia que estudantes que participam em atividades extracurriculares são mais satisfeitos com o curso e têm menor probabilidade de evadir. Almeida et al. (2000) encontraram que os universitários ingressantes que participam das atividades extracurriculares têm melhor adaptação ao ensino superior.

Sobre a transição dos estudantes para o ensino superior, este nível de ensino apresenta características distintas das presentes na educação básica e exige dos estudantes maior autonomia na gestão da vida pessoal e acadêmica, o estabelecimento de relações interpessoais com professores e colegas mais

2022



maduras, além de uma maior aproximação com a carreira (Casanova et al., 2021). Por sua vez, os ingressantes podem não dispor dos recursos suficientes para o enfrentamento com êxito de tais desafios, exigindo adaptações para lidarem com as novas demandas que se apresentam. Distante de entender a adaptação ao ES como um processo unidirecional, que está sob responsabilidade exclusiva do estudante, parece ser um consenso que o suporte disponibilizado pela instituição, por meio dos serviços de apoio ao estudante, com o oferecimento de bolsas e auxílios financeiros, além do suporte psicopedagógico e junto às questões de saúde são importantes para a adaptação dos estudantes ao ES (Dias et al., 2020). Soma-se, ainda, que a organização curricular dos cursos, com o oferecimento de disciplinas que desde o início da graduação aproximem o estudante da área de conhecimento, bem como a participação em atividades não obrigatórias ou extracurriculares também auxiliam na transição educativa.

Por sua vez, a ampliação no acesso ao ensino superior brasileiro tem ocorrido por meio de um conjunto de políticas e dentre essas destacam-se as que buscam uma maior diferenciação nas formas de acesso ao ensino superior, tais como os editais específicos para estudantes que foram medalhistas em Olimpíadas Científicas durante a educação básica. Para concorrerem a uma vaga nas universidades, os candidatos devem comprovar a premiação recebida em tais competições, sendo selecionados a partir do número de vagas disponíveis. Tal forma de seleção isenta os estudantes da realização dos tradicionais exames de acesso ao ensino superior brasileiro. Neste país, tal forma de acesso é bastante recente, com poucas investigações sobre a adaptação dos estudantes medalhistas em Olimpíadas Científicas no ensino superior (Fior, 2022). Conhecer as particularidades de tais estudantes é ímpar visto que em diversos países, as Olimpíadas Científicas são utilizadas na identificação e seleção de estudantes com altas habilidades (Almukhambetova & Hernández-Torrano, 2020).

Os poucos estudos com universitários com altas habilidades apontam que as suas vivências acadêmicas são distintas das dos seus pares (Mendaglio, 2013), com evidências de dificuldades na transição ao ensino superior em função de seu *background* educacional (Fior, 2022). Além disso, podem experimentar redução na motivação, em decorrência de não se sentirem desafiados academicamente, sendo esse um dos fatores pelos quais universidades têm propostos programas específicos e extracurriculares para tais estudantes, a fim de conseguirem um suporte afetivo e cognitivo para as demandas que apresentam (Bowman & Culver, 2018; Griffioen et al., 2018).

Por sua vez, nos anos de 2020 e 2021, as instituições de ensino superior brasileiras suspenderam as atividades presenciais e migraram para o ensino remoto emergencial (ERE) como uma das medidas sanitárias para reduzir os impactos no sistema de saúde da pandemia de SARS-COV-19. Com isso, houve impactos na participação nas atividades obrigatórias e nas não obrigatórias, já que todas as experiências institucionais passaram a ser mediadas pelas tecnologias e realizadas em ambientes on-line. Diante dessas considerações, os objetivos do presente estudo são descrever a participação de universitários que acessaram o ensino superior por meio de editais específicos para Medalhistas em Olimpíadas Científicas nas atividades não obrigatórias, bem como analisar a percepção de tais estudantes sobre a contribuição das mesmas no seu processo de adaptação ao ensino superior.

2022



2. Método

Participaram deste estudo 11 universitários matriculados em uma universidade pública brasileira, sendo 73% do sexo masculino e 91% estavam matriculados em cursos da área de Ciências Exatas, sendo que tais estudantes fazem parte da população de 80 universitários que acessaram o ensino superior por meio de Edital específico direcionado para medalhistas em Olimpíadas Científicas, realizado no ano de 2020.

Esta investigação é parte de um estudo mais amplo com o objetivo de analisar a adaptação de tais estudantes ao ensino superior e foi composta por dois momentos de coletas de dados: uma investigação quantitativa e um estudo qualitativo. Para a primeira parte da investigação, os 80 ingressantes no ano de 2020 foram convidados via e-mail institucional para participarem do presente estudo, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Aos voluntários que forneceram anuência para a participação no estudo, foi disponibilizado um questionário de caracterização e três instrumentos de autorrelato. Após o preenchimento dos mesmos, os voluntários foram convidados para participarem de uma segunda etapa que consistia em uma entrevista.

Como descrito, 11 voluntários se disponibilizaram a continuar a investigação e participaram de uma entrevista semiestruturada, realizada individualmente por meio de uma plataforma de videoconferência. A entrevista versou sobre a descrição das dificuldades enfrentadas durante o primeiro ano no ensino superior, as atividades desenvolvidas nessa etapa e o papel das mesmas na transição para o novo nível de ensino. As entrevistas foram gravadas e integralmente transcritas, sendo que os dados foram submetidos a análise de conteúdo. Inicialmente, procedeu-se a uma leitura exaustiva a fim de serem identificadas as unidades temáticas. Posteriormente, houve o isolamento das mesmas e a categorização, sendo que as categorias criadas emergiram dos próprios dados.

3. Resultados

Dos relatos dos voluntários destaca-se que 8 (73%) universitários descreveram a participação nas atividades não obrigatórias durante o primeiro ano. Dentre as experiências desenvolvidas estão a participação em atividades de iniciação, o desenvolvimento de trabalho nas empresas-júnior, a atuação em projetos específicos dos cursos vinculados a competições entre universidades, com destaque para a proposição de novas formas de energia ou materiais. Soma-se, ainda, a participação em associações atléticas e em coletivo feministas existentes no curso.

Para alguns estudantes a participação em tais experiências foi decorrente da própria condição de medalhista em Olimpíadas Científicas, como expresso no trecho *consegui ingressar na iniciação científica [...], consegui porque já tinha participado da Iniciação Científica da Olimpíada Brasileira de Matemática* (M.). Por sua vez, para outros estudantes a participação nas atividades não obrigatórias partiu de um desejo pessoal de conhecer mais o curso compor o currículo com experiências diferenciadas *eu entrei para as [atividades] extras. Do que mais me chamava atenção era o curso para fazer avião* (J.). Para outro estudante, ao se matricular na instituição já havia a intenção em realizar atividades extracurriculares *Esse primeiro ano eu já entrei com uma ideia. Na verdade, eu queria fazer parte do grupo de robótica* (F.). Outros estudantes vislumbraram a possibilidade de participar das atividades não obrigatórias ao conhecerem mais profundamente a realidade

2022



institucional, conforme ilustrado pelo excerto só que tinha bastante propaganda de extracurricular. Ficavam jogando nos grupos [...] e eu falei “a meu, estou tão parada”, sempre eu tive a cabeça de fazer o máximo que conseguir na universidade e aí as extracurriculares me chamaram bastante atenção. (S.)

Dos universitários que não participaram de atividades não obrigatórias no primeiro ano do ensino superior, o distanciamento social decorrente da pandemia de Covid-19, que restringiu o contato com colegas e professores foi descrito como um dos motivos para a ausência de participação. Soma-se, ainda, algumas características curriculares dos cursos, ainda estruturados em ciclos básicos, dificultou uma aproximação maior com docentes, conforme descrito no trecho *no meu caso do meu curso né, professores do meu curso mesmo só tive três até agora [...] fazer pesquisa com professor [...] com alguém da minha engenharia mesmo eram raríssimas as oportunidades* (T.).

Dos relatos dos estudantes também foi analisada as principais contribuições do engajamento com as atividades não obrigatórias para a adaptação ao primeiro ano do ensino superior. Da análise de conteúdo temática realizada dos excertos, emergiram as seguintes categorias: estreitamento no contato com os docentes; a formação de vínculo com os demais estudantes do curso; abertura na visão de mundo; motivação para permanecer no curso. A seguir cada uma das categorias está descrita.

No que se refere ao estreitamento do contato com os docentes, foram agrupadas nesta categoria menção a uma aproximação dos estudantes com os professores em decorrência da participação nas atividades extracurriculares. Esse contato mais próximo trouxe benefícios aos estudantes, com destaque para o papel do docente como tutor e no oferecimento de suporte ao enfrentamento dos desafios acadêmicos presentes nas atividades obrigatórias, como expresso no trecho: *conversei com dois professores que foram muito gente boa mesmo, que eu conheci junto com a Profa. Dra. que sempre me apoia muito em todos projetos [...] eles sabem da minha dificuldade e sempre ajudam. [...] eu já tinha feito as iniciações científicas antes, mas eu posso falar que a orientação está muito boa, muito boa mesmo* (V.).

Outra categoria que emergiu dos dados referente à contribuição da participação nas atividades não obrigatórias foi a construção dos vínculos com os pares. Essa aproximação com colegas é muito importante para o ingressante reconstruir a sua rede de relacionamentos, visto que os estudantes são oriundos de regiões distintas do país e precisam interagir com os novos colegas. O trecho a seguir ilustra que, mesmo no contexto do ensino remoto, as atividades extracurriculares possibilitaram uma aproximação com os demais colegas do curso

Eu fiz amizades mais por causa do grupo de Robótica em si porque a gente tem uma equipe. Eu consegui conhecer pessoas do meu curso, de outros cursos por causa do grupo [...] se eu não estivesse no grupo de Robótica, eu teria um pouco de dificuldade de achar um pessoal na turma, principalmente porque no ead. A gente nem se olha, a gente mal vê que tem outra pessoa na sala direito, então o contato seria bem complicado (F.)

O envolvimento dos estudantes com as atividades não obrigatórias também contribui para uma abertura na visão de mundo e no empoderamento de grupos de estudantes para o enfrentamento de desafios presentes no ambiente universitário, como a desigualdade de gênero ainda manifesta em algumas áreas do conhecimento. O excerto descrito a seguir ilustra o impacto da participação em um coletivo feminista para as mulheres matriculadas em cursos de Ciências Exatas:

2022



tem um coletivo dentro do curso [...] que dá o suporte para todas as mulheres. Eu tive muito suporte delas, elas faziam Meet, chamando todas as meninas que entraram no ano e veteranas de todos os anos possíveis nas reuniões para dar um suporte porque é difícil [...] vêm aqueles comentários chatos que você não sabe lidar ainda mais no ead, tudo pelo computador. Então você fica retraída e o coletivo me ajudou bastante a me soltar mais e me sentir mais confiante dentro do curso. (S.)

A última categoria que emergiu dos dados refere-se à contribuição das atividades não obrigatórias para a ampliação na motivação para permanecerem no curso. Isso se deve visto que o início da graduação é composto por algumas disciplinas consideradas básicas e que, em muitos cursos, não dialogam de maneira tão direta com a área, conforme expresso no excerto *primeira dificuldade foi realizar o curso que eu escolhi. Eu já sou formado em técnico e no âmbito do técnico eu não gostava muito da matemática. Para ser honesto, quando eu entrei na graduação e vi aquela matemática começou a dar um desânimo [...] aí eu entrei pra extra também, [...] que mais me chamava a atenção.*

4. Discussão

Dos resultados destaca-se a participação nas atividades não obrigatórias de ingressantes que acessaram o ensino superior por meio de editais específicos para medalhistas em Olimpíadas Científicas. Mesmo no contexto da pandemia, com a suspensão das atividades presenciais e migração para o ensino remoto emergencial, deve-se reconhecer que as adaptações pedagógicas realizadas pelas instituições de ensino superior e pelos docentes que viabilizaram propostas diferenciadas aos estudantes e possibilitaram o engajamento dos mesmos nessas experiências.

Apesar de não se tratar de um estudo comparativo e ter sido realizado com uma amostra pequena, há de se considerar que mesmo diante de uma situação adversa como a pandemia, 80% dos participantes desse estudo se engajaram com atividades não obrigatórias. Hipotetiza-se que essa taxa elevada de participação pode estar associada às características de tais estudantes. Isso porque o engajamento com as Olimpíadas Científicas, ainda na educação básica, exige dos alunos uma preparação que extrapola os conteúdos apresentados nas disciplinas regulares. Isso pode ajudar a explicar os interesses de tais públicos em distintas experiências, dialogando com resultados já descritos na literatura (Bowman & Culver, 2018; Griffioen et al., 2018). A participação nas atividades não obrigatórias associa-se a ampliação na motivação dos estudantes para permanecerem no ensino superior, visto que está associada a uma maior satisfação com a experiência acadêmica (Astin, 1993).

Merece destaque que estar envolvido em tais experiências auxiliou os estudantes no enfrentamento dos desafios que estão presentes no primeiro ano. Destacam-se a edificação de relacionamento mais próximo com professores, auxiliando inclusive no suporte acadêmico e a reconstrução da rede de relacionamento com os pares (Casanova et al., 2020). Sabe-se que o suporte dos pares e dos professores é importante no primeiro ano do ensino superior, mas no contexto de ensino remoto, as interações que ocorrem no contexto da sala de aula são limitadas, trazendo implicações para a adaptação dos estudantes (Fior & Martins, 2020). Isso porque as mesmas ocorrem por meio dos filtros das telas e dependem dos recursos tecnológicos de ambas as partes. E mesmo com tais limitações, a participação em atividades não obrigatórias foi um meio bastante promissor na reconstrução da rede de relacionamentos dos calouros.

2022



Soma-se que no presente estudo a participação nas atividades não obrigatórias trouxe impactos positivos ao desenvolvimento dos estudantes, inclusive fornecendo suporte para o enfrentamento dos desafios relacionados ao peso dos estereótipos de gênero na construção da carreira. Assim, distante de desmerecer o papel e a importância das atividades obrigatórias, há que se considerar que a formação acadêmica deve extrapolar os limites da sala de aula, ampliando para um conjunto amplo de experiências (Fior & Mercuri, 2009). Para tanto, o reconhecimento sobre a importâncias de tais atividades é essencial, mas deve ser somado à viabilização de condições concretas para a ocorrência das mesmas e que inclui, por exemplo, a dedicação de docentes e servidores.

Dentre os limites do estudo está o pequeno número de participantes, sendo restritas as possibilidades de generalização dos resultados. Por sua vez, sugere a importância de um acompanhamento longitudinal de tais ingressantes a fim de serem identificados os impactos a longo prazo, principalmente considerando as particularidades desse público, com altas habilidades em algumas áreas do conhecimento.

Das implicações práticas desse estudo está na construção de propostas pedagógicas que oportunizem aos estudantes a participação em atividades não obrigatórias ou extracurriculares e que viabilizem a presença dos mesmos nestas experiências, por meio da revisão da carga didática obrigatória e do suporte para a realização das mesmas, tais como: espaço físico, recursos materiais e bolsas, além da presença de docentes na orientação das atividades.

Referencias

- Almeida, L.S. et al. (2000). Envolvimento extracurricular e ajustamento acadêmico: Um estudo sobre as vivências dos estudantes universitários com e sem funções associativas. Em A.P. Soares et al. *Transição para o ensino superior*. Braga: Conselho Acadêmico da Universidade do Minho.
- Almukhambetova, A., & Hernández-Torrano, D. (2020). Gifted Students' Adjustment and Underachievement in University. An Exploration From the Self-Determination Theory Perspective. *Gifted Child Quarterly*. <https://doi.org/10.1177/0016986220905525>
- Astin, A. W. (1993). *What matters in college?* Four critical years revisited. San Francisco: Jossey-Bass.
- Bowman, N. A., & Culver, K. (2018). When Do Honors Programs Make the Grade? Conditional Effects on College Satisfaction, Achievement, Retention, and Graduation. *Research in Higher Education*, 59(3), 249–272. <https://doi.org/10.1007/s11162-017-9466-y>
- Casanova, J. R., Bernardo, A. B., & Almeida, L. S. (2021). Dificuldades na adaptação acadêmica e intenção de abandono de estudantes do primeiro ano do Ensino Superior [Difficulties in academic adaptation and intention to drop out of students in the first-year of Higher Education]. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación*, 8(2), 211–228. <https://doi.org/https://doi.org/10.17979/reipe.2021.8.2.8705>
- Dias, C. E. S. B., Toti, M.C. da, Sampaio, H, Polydoro, S.A.J (2020). *Os serviços de apoio pedagógico aos discentes no ensino superior brasileiro*. São Carlos: Pedro e João Editores.
- Fior, C. A. (2022). Adaptação ao ensino superior e autoeficácia em universitários medalhistas em Olimpíadas Científicas: um estudo correlacional. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación*, 9(0), 284–301. <https://doi.org/10.17979/reipe.2022.9.0.8904>
- Fior, C. A., & Martins, M. J. (2020). A docência universitária no contexto de pandemia e o ingresso no ensino superior. *Revista Docência Do Ensino Superior*, 10, 1–20. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24742>
- Fior, C. A., & Mercuri, E. (2009). Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. *Psicologia Da Educação*, 29, 191–215.
- Griffioen, D. M. E., Doppenberg, J. J., & Oostdam, R. J. (2018). Are more able students in higher education less easy to satisfy? *Higher Education*, 75(5), 891–907. <https://doi.org/10.1007/s10734-017-0176-3>

2022



Mayhew, M. J., Rockenbach, A. B., Bowman, N. A., Seifert, T. A., & Wolniak, G. C. (2016). How College Affects Students: 21st Century Evidence that Higher Education Works. Jossey-Bass

Mendaglio, S. (2013). Gifted students' transition to university. *Gifted Education International*, 29(1), 3–12. <https://doi.org/10.1177/0261429412440646>

Veiga, I. P. A. (2000). “Projeto político-pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar?”. Em S. Castanho & M.E.L.M. Castanho (orgs.). *O que há de novo na educação Superior: do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas, Papirus.